
Habilidades sociais e contexto educativo: treino de habilidades sociais no Ensino Fundamental I

Wanusa Rita Oliveira Barbosa¹
Natália Pascon Cognetti
Centro Universitário UNIFAFIBE

RESUMO: A carência de habilidades sociais (HS) na infância e adolescência é compreendida como fator de risco ao desenvolvimento humano, uma vez que a ausência destas pode colaborar ao estabelecimento de comportamentos problemas como o desajuste escolar, depressão, abuso de drogas e, até mesmo, suicídio. Neste sentido, a escola pode ser concebida como espaço de escolarização e educação, o que a torna favorável para processos que aprimorem os relacionamentos interpessoais e intergrupais. O Treino de Habilidades Sociais (THS), portanto, pode contribuir à redução de problemas comportamentais em escolares e impulsionar as interações entre alunos, família e escola. Diante de tais premissas, esse estudo objetivou analisar as habilidades sociais aplicadas ao ambiente educativo e elaborar um programa para o treino de habilidades sociais em escolares no Ensino Fundamental utilizando a metodologia de revisão narrativa da literatura. Por meio dos resultados do estudo, foram observadas as contribuições da promoção de habilidades sociais para os processos de ensino e aprendizagem. Além disso, a sensibilização dos alunos ao processo escolar e o fortalecimento do vínculo entre a tríade protagonista do cenário educativo: alunos, pais e professores. Outro importante aspecto analisado refere-se à necessidade de programas que avaliem os efeitos do THS em crianças, pais e/ou professores diante da saúde mental destes. Ainda que pesquisas estejam sendo realizadas, o campo científico de investigação das habilidades sociais carece de mais estudos teóricos e aplicados.

Palavras-chave: Habilidades sociais, Treino de habilidades sociais, Problemas comportamentais infantis.

Social skills and educational context: social skills training in Fundamental Education I

ABSTRACT: The lack of social skills (SS) in childhood and adolescence is understood to be a risk factor for human development, since the absence of these skills contribute to the establishment of behavioral problems such as school mismatch, depression, drug abuse and even suicide. Such behaviors can be classified as internalizing or externalizing, being frequently observed in the educational context. In this sense, a school can be conceived as a space for schooling and education, which makes it more favorable for processes of improvement of interpersonal and intergroup relationships. The Social Skills Training (SKT), before, can contribute to the reduction of behavioral problems in schoolchildren and foster interactions among students, family and school. About this, this In this research, the methodology of narrative review of the literature was used. Through the results of the study, the contributions of the promotion of social skills to the teaching and learning processes were observed. These effects include, among other benefits, the students' awareness of the school process and the strengthening of the link between the triad protagonists of the educational scenario: students, parents and teachers. Another important aspect analyzed is the need for programs that assess the effects of HRT in children, parents and / or teachers in relation to their mental health. Although research is being carried out, the scientific field of social skills research needs more theoretical and applied studies.

Keywords: Social skills, Social skills training, Child behavioral problems.

¹ Wanusa Rita Oliveira Barbosa. End. Correspondência: Av. Prata, nº 923, CEP 28220-000, Planura, MG, Brasil, e-mail: wanusarita@hotmail.com

Introdução

Os déficits em habilidades sociais nas interações de crianças e adolescentes têm preocupado estudiosos e pesquisadores do desenvolvimento infantil. Neste contexto, o bom ou mau desempenho social está relacionado a questões interpessoais que influenciam na determinação dos comportamentos adequados ou não (Naves *et al.*, 2011). Quando analisada a ausência do repertório socialmente habilidoso aos escolares, observam-se implicações para a qualidade e sucesso dos processos de ensino e aprendizagem.

Bolsoni-Silva, Silveira e Ribeiro (2008) consideram a fase escolar um período favorável ao desenvolvimento de tais habilidades; nesta etapa, o aluno experiencia uma integração social com o meio, diferente daquela proporcionada pela família, sendo necessária à sua adaptação e ao bom relacionamento interpessoal, a presença de habilidades como a expressão de sentimentos, resolução de problemas, empatia e assertividade.

A partir do interesse pelos possíveis benefícios proporcionados pelo Treino de Habilidades Sociais à educação, este estudo objetivou, por meio de revisão bibliográfica, analisar tais contribuições e elaborar um programa para THS em escolares atuantes no Ensino Fundamental I.

O artigo está organizado em três importantes tópicos: I. Referencial Teórico, em que são problematizados alguns desafios do espaço escolar e definido o conceito de HS; II. Resultados e Considerações, em que são discutidos os benefícios do THS aplicado ao contexto educativo e, III. Apresentação das etapas relevantes para a elaboração do programa.

Habilidades sociais e o cenário educacional

O ser humano desenvolve grande parte do seu repertório comportamental por meio do ambiente social e, para desempenhá-lo de maneira adequada, deverá emitir comportamentos compatíveis às necessidades estabelecidas socialmente. Neste ponto, a promoção das habilidades sociais, ganha destaque. Estas abarcam as relações interpessoais do sujeito em seu ambiente social; ao apresentar um desempenho social competente, este é capaz de promover relacionamentos interpessoais satisfatórios

(Bolsoni-Silva & Marturano, 2002). Segundo Caballo (2003), o comportamento socialmente habilidoso refere-se a um grupo de condutas do indivíduo praticadas com seus pares, relacionadas à manifestação de sentimentos, atitudes, desejos, opiniões e direitos, de forma habilidosa. Nesta interação, os comportamentos dos sujeitos envolvidos são respeitados, solucionando-se assim os problemas emergentes da situação, e prevenindo a possibilidade dos comportamentos inadequados aparecerem novamente.

Partindo-se das contribuições do treino de habilidades sociais para as trocas interpessoais no espaço educativo formal, apresenta-se a seguir a compreensão teórica do termo, e a aplicação deste no cenário educacional.

O que são habilidades sociais?

Salter (1949) é considerado um dos teóricos responsáveis pelo início das discussões em Habilidades Sociais. Relacionado na literatura à Psicologia Comportamental, o teórico considerou as descobertas de Pavlov sobre o reflexo condicionado, avançando nos estudos das expressões faciais e verbais. Wolpe (1958) expandiu os estudos até então realizados e nomeou as classes de HS, oferecendo subsídios para a conceituação da assertividade. Lazarus (1977), um dos discípulos de Wolpe, recriminou o destaque à manifestação dos sentimentos negativos e sugeriu a expressão de sentimentos no repertório das habilidades sociais (Bolsoni-Silva & Carrara, 2010).

É possível observar que nas últimas décadas, o treino de habilidades sociais tem sido considerado entre as mais vantajosas e eficazes intervenções na psicologia, especialmente, na psicologia do desenvolvimento humano. Este se estruturou enquanto técnica de intervenção, promovendo benefícios aos indivíduos que o realizam (Murta, 2005; Bolsoni-Silva *et al.*, 2006b).

Segundo Bolsoni-Silva e Marturano (2002), ainda que amplamente divulgado, o conceito de HS é muitas vezes entendido erroneamente como sinônimo de assertividade. Esta deve ser compreendida enquanto subclasse das HS, e não a sua definição. O termo habilidades sociais se refere a diferentes comportamentos habilidosos do indivíduo, diante de suas atuações sociais.

Na perspectiva dos teóricos Del Prette, Paiva e Del Prette (2005) as habilidades estão relacionadas à aptidão da pessoa em desempenhar-se e obter sucesso em sua relação interpessoal por meio da integração entre pensamentos, sentimentos e ações, sempre respeitando os parâmetros estabelecidos socialmente e preservando a autoestima e a relação com o seu par.

Ao se estudar as habilidades sociais, devem ser levadas em consideração três dimensões de análise: a pessoal, situacional e cultural (Del Prette & Del Prette, 2006). A *dimensão pessoal* refere-se aos componentes do desempenho social comportamentais (fazer/responder perguntas, pedir/dar *feedback*, fazer/recusar pedidos, elogiar), cognitivo-afetivos (conhecimentos prévios, autoconceito, objetivos e valores pessoais, empatia, resolução de problemas, autoinstrução, auto-observação) e fisiológicos (taxa cardíaca e respiração).

As características dos interlocutores e das demandas do contexto em que ocorre o desempenho interpessoal (com o reconhecimento de que diferentes situações criam demandas sociais diferenciadas) compõem a *dimensão situacional* das habilidades sociais. E por fim, a *dimensão cultural* destaca o papel fundamental que as normas, valores e regras das diversas culturas exercem sobre o desempenho social (Del Prette, Paiva & Del Prette, 2005, p. 66).

A aquisição de habilidades sociais pelo indivíduo pode também ocorrer por procedimentos que aconteçam naturalmente, ao longo de sua vida, por meio de suas interações sociais e das consequências destas sob seus comportamentos (Del Prette & Del Prette, 2011). As fases de vida marcantes para tal aquisição são a infância e a adolescência, em que as práticas de aprendizagem advindas da família e da escola agrupam-se à experiência de convivência com os seus pares, fornecendo possibilidades para o aprendizado e o aprimoramento da competência social. Quando práticas que possibilitem esta aquisição não são desenvolvidas, podem-se observar impactos nas interações interpessoais do indivíduo, comprometendo a qualidade de vidas das pessoas envolvidas nestas relações. Corrêa (2008) descreve que nestas situações em que as habilidades sociais não estão presentes no repertório do sujeito, torna-se importante à realização do THS,

a fim de contribuir a instalação de repertório socialmente habilidoso ao sujeito e à promoção de saúde e qualidade às relações estabelecidas por ele.

O cenário educacional e as habilidades sociais educativas (HSE)

O sistema educacional brasileiro, acometido por embates sociais, culturais, econômicos e comportamentais do final do último milênio, tem apresentado desafios e requerido mudanças, a fim de que sejam potencializadas não apenas a formação técnica do aluno, mas também a sua preparação para a prática da cidadania, conforme dispõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Estes, objetivando disseminar o início da reforma curricular e nortear o trabalho docente, orientam a participação efetiva do aluno no processo de ensino, identificando a escola como ambiente de transmissão de conhecimentos e espaço dinâmico, o qual deve promover, portanto, o desenvolvimento técnico e social do seu educando (Brasil, 1998).

Segundo Corrêa (2008), a família e a escola são as duas principais instituições responsáveis pelo desenvolvimento social da criança. Neste ponto, a escola deverá se atentar aos desempenhos apresentados por seus escolares, oferecendo suporte para a elaboração de uma cultura com maiores possibilidades de sobrevivência saudável.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) preconiza que a escola torna-se responsável pelo desenvolvimento do aluno, preparando-o para desempenhar seus direitos e deveres perante a sociedade, qualificando-o para o mercado de trabalho, atrelando ainda a educação escolar, trabalho e exercícios sociais. Para tanto, compreende-se como necessária a criação de métodos pedagógicos capazes de suprirem as novas demandas no contexto educativo e social (Brasil, 2015).

Neste aspecto, o déficit de habilidades sociais em crianças e adolescentes tem sido motivo de preocupação entre os estudiosos e pesquisadores da Psicologia do Desenvolvimento; as implicações são observadas diretamente no contexto educacional. O alto índice de problemas sócio-emocionais, a falta de habilidades e de competências sociais, vivenciados por crianças e adolescentes no ambiente escolar, compromete os processos de ensino e aprendizagem (Naves *et al.*, 2011). Segundo Bandeira *et al.* (2006), as dificuldades ligadas ao insucesso escolar e a ausência de bom

desempenho na aprendizagem, são fatores em evidência na educação no Brasil e têm sido alvos de várias discussões; os registros sinalizam déficit na aprendizagem do educando, especialmente no ensino fundamental.

Com relação a esse aspecto Okano *et al.* (2004) comenta que as crianças com implicações no processo de aprendizagem, tendem a apresentar dificuldades quanto à percepção de si mesmas e poucas habilidades sociais; tais dificuldades, caso não trabalhadas, podem se estender por todo o processo de escolarização. Ainda nessa perspectiva, não possuir um bom repertório de habilidades sociais pode ocasionar o desenvolvimento de problemas psicológicos; estes podem ser classificados como internalizantes (na relação consigo mesmo) e externalizantes (na relação com o outro) (Del Prette & Del Prette, 1998).

Sobre os problemas de comportamento internalizantes e externalizantes, Bolsoni-Silva *et al.* (2006b) discutem que ambas as classes podem ser relacionadas, respectivamente, às definições de falta e excesso comportamental. As condutas de retraimento, depressão, ansiedade e queixas somáticas são associadas aos comportamentos internalizantes; já os externalizantes estão ligados aos comportamentos de impulsividade, agressividade, agitação e demais características desafiadoras. Desta forma, é importante considerar que qualquer um dos repertórios mencionados prejudica o desenvolver psicológico e social da criança, pois enquanto um impede a criança de interagir com o ambiente, o outro também pode colaborar para conflitos e provocar rejeição de outras pessoas em seu contexto de interação (Bolsoni-Silva *et al.*, 2006b).

A escola é um espaço em que os relacionamentos interpessoais e intergrupais se desenvolvem e são complexos, por isso torna-se um ambiente favorável à aplicação do treino de habilidades sociais. Este pode contribuir à redução dos conflitos observados no cenário e a promoção de relações positivas, fundamentais para a qualidade das interações grupais (Corrêa, 2008).

Ainda, Silva e Murta (2009) relatam que a carência em habilidades sociais na infância e adolescência estabelece fatores de risco, pois está relacionada a problemas psicológicos como o desajuste escolar, depressão, dificuldade em relacionamentos interpessoais e, até mesmo, suicídio. Para Gonçalves e Murta (2008), a alta

ocorrência de problemas vivenciados por crianças e adolescentes como crimes, drogas, conflitos conjugais e emocionais e baixo rendimento acadêmico, colaborou para que a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendasse o Treino de Habilidades Sociais em crianças, adolescentes e jovens, a fim de impulsionar a saúde mental e promover condições de proteção a estes em circunstâncias de risco. Entre as principais habilidades a serem desenvolvidas estão o controle da impulsividade, análise das consequências dos comportamentos e tomada de decisão (Brasil, 2008).

Constata-se que crianças que possuem um amplo repertório de habilidades sociais têm mais possibilidades de estabelecer relações saudáveis e com menor índice de rejeição por outras pessoas. Estudos sugerem ainda que desenvolver habilidades sociais na infância é um fator de assistência contra a incidência de dificuldades de aprendizagem e de comportamentos antissociais (Castro Melo & Silveiras, 2003).

Neste sentido, Del Prette, Paiva e Del Prette (2005) sugerem um conjunto de habilidades compreendidas como essenciais ao desempenho satisfatório nas interações sociais. Estas envolvem o autocontrole, expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades acadêmicas.

Considerando os estudos dos autores é possível entender que a aplicação do treino de habilidades sociais no ambiente escolar pode ser realizada por meio de atividades estruturadas com a sala de aula e/ou grupos de alunos. Tal processo precisa ser formalizado e integrado ao currículo escolar, na parte diversificada (Brasil, 2010). Além disso, uma das possíveis formas para a promoção do treino é utilizar a metodologia de aprendizagem informal ou acidental, aproveitando o desempenho insatisfatório em situações naturais do ambiente escolar, que demandariam a apresentação de habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 1998).

Métodos

Adotou-se como método para a realização desta pesquisa a revisão narrativa de literatura que envolvesse as temáticas de Habilidades Sociais e Educação. Para tanto, foram consultados alguns portais *onlines* de pesquisas, como: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Pepsic (Portal

de Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e Google Acadêmico. Além dos periódicos, foram revisadas dissertações de mestrado, teses de doutorado e estudos de teóricos renomados na área de Habilidades Sociais. Entre estes, foram estudadas as pesquisas de: Bolsoni-Silva; Del Prette e Del Prette; Murta².

Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo objetivam a apresentação de um programa para a promoção de habilidades sociais a alunos do Ensino Fundamental, ciclo I. Para esta elaboração, foram utilizados os dados observados por meio da revisão de literatura, a fim de que o treino sugerido esteja em consonância com os fundamentos teóricos da área.

Como realizar o THS no contexto educativo?

O Treino de Habilidades Sociais é composto por quatro fases: a primeira objetiva o levantamento e avaliação do desempenho dos sujeitos participantes, de forma a identificar as dificuldades relacionadas ao repertório de HS; a segunda relaciona-se a definição de metas para a intervenção em habilidades sociais, considerando-se, nesta etapa, os resultados coletados na Fase I; a terceira fase visa elaborar e estabelecer os procedimentos de intervenção a serem utilizados, de acordo com as metas propostas; já a quarta fase objetiva avaliar a intervenção quanto à efetividade do programa e generalização do repertório treinado (Del Prette & Del Prette, 1998).

A partir do exposto, sugere-se a realização do Treino de Habilidades Sociais com alunos do Ensino Fundamental, ciclo I, considerando-se as quatro etapas descritas a seguir: Etapa 1: Diagnóstico das necessidades quanto ao desenvolvimento de Habilidades Sociais dos Educandos; Etapa 2: Elaboração das atividades a partir de situações-problemas vivenciadas pelos alunos em ambiente escolar e social; Etapa 3: Aplicação do Treino de Habilidades Sociais; Etapa 4: Avaliação dos resultados obtidos com o THS, a partir da visão dos educandos, professores e família.

Etapa 1: diagnóstico das necessidades em HS

²Os anos das publicações revisadas neste artigo estão apresentados nas Referências Bibliográficas, ao final do trabalho.

Esta etapa visa avaliar as habilidades e necessidades dos participantes quanto à competência social. Considerando-se o exposto no referencial bibliográfico deste artigo, entende-se como relevante a participação ativa dos educandos, professores e familiares nesta etapa. Inicialmente, sugere-se a aplicação de atividades com os alunos participantes que possibilitem a apresentação destes e, também, favoreçam ao facilitador do grupo identificar as dificuldades nos relacionamentos interpessoais estabelecidos pela sala.

Para o diagnóstico com pais e professores, orienta-se a utilização de instrumentos validados para estas populações, como o Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas (QRSH), versão para pais e professores, respectivamente QRSH – Pais e QRSH – Professores (Bolsoni-Silva, 2006a).

O QRSH possibilita a classificação das habilidades sociais dos participantes em três subclasses: disponibilidade social e cooperação; interação social positiva e expressão de sentimentos e enfrentamento. Ambos os questionários são compostos por questões que poderão ser avaliadas pelos pais e professores enquanto: “não se aplica”; “se aplica um pouco” e “certamente se aplica”.

Etapa 2: elaboração das atividades

A partir do diagnóstico realizado na etapa anterior, devem ser sistematizadas as atividades que possibilitarão o desenvolvimento das habilidades sociais. A análise estatística dos questionários aplicados com pais e professores (QRSH) auxiliará na compreensão das habilidades que se apresentem deficitárias nos alunos, necessitando, desta forma, de treinamento. Considera-se fundamental, nesta etapa, a utilização de dinâmicas que estejam ligadas a realidade escolar e social do educando.

As dinâmicas vivenciais favorecem ambiente que possibilita a práticas das habilidades sociais e podem ser organizadas a partir de uma complexidade crescente; ao oportunizar situações práticas, a probabilidade de participação dos alunos é maior, uma vez que a metodologia tende a ser mais prazerosa que apenas a exposição do conteúdo (Del Prette & Del Prette, 2011).

Os autores discutem os requisitos importantes ao facilitador de vivências com crianças. Para os teóricos (Del Prette & Del Prette, 2011, p. 105), “a motivação do facilitador para ajudar a criança a superar suas dificuldades interpessoais é

condição necessária, porém não suficiente, para a implantação de programas vivenciais minimamente efetivos". Neste sentido, reforçam a relevância da qualificação do facilitador na área; conhecimento sobre os princípios de aprendizagem; habilidades específicas; participação no planejamento das atividades e conhecimento do grupo, além de atenção as condições éticas.

Etapa 3: aplicação do THS

A terceira etapa deverá ser realizada depois de analisado o diagnóstico em HS dos educandos, e também sistematizado o "esqueleto" do programa (quantidade de encontros, temas a serem trabalhados e vivências empregadas). Del Prette e Del Prette (2011) sugerem ao facilitador do treino estudos e planejamento quanto às atividades a serem aplicadas. Quanto maior o domínio sobre a técnica e o conhecimento do facilitador, maior a probabilidade de resultados efetivos com o processo. Deve-se oportunizar, nesta etapa, a participação efetiva de todos os alunos, com igualdade de oportunidades no protagonismo dos papéis centrais e complementares das dinâmicas utilizadas. Os autores orientam a participação de um segundo facilitador do grupo, a fim de que este possa se concentrar na observação das atividades e fornecer *feedbacks* ao desempenho do facilitador aplicador.

Etapa 4: avaliação dos resultados obtidos com o THS

Após a aplicação do THS, o facilitador deverá avaliar os resultados decorrentes do treinamento. Para tanto, deverão ser convocados os pais e professores dos educandos, a fim de que estes possam novamente responder aos QRSH. Estes questionários poderão ser utilizados como indicadores do desenvolvimento das três subclasses avaliadas no início do programa, pelos mesmos participantes: disponibilidade social e cooperação; interação social positiva e expressão de sentimentos e enfrentamento (Bolsoni-Silva, 2006a).

Nesta etapa, os alunos participantes também deverão fornecer *feedback* sobre a compreensão do THS e benefícios do mesmo. Para tanto, poderão ser elaboradas perguntas-chaves que favoreçam a compreensão e interpretação dos alunos sobre o treino.

Considerações Finais

As discussões realizadas neste artigo sinalizam à importância do treino de habilidades sociais em crianças e adolescentes em idade escolar, como estratégia para a prevenção de problemas comportamentais e, assim, ferramenta que possibilite qualidade ao desenvolvimento sócio emocional do educando. Como discutido, o programa de intervenção em HS pode aprimorar o bom desempenho social do aluno, trazendo benefícios para a sua interação familiar e escolar (Cia & Barham, 2009).

Além de prevenir situações de risco ao desenvolvimento infantil, o THS pode colaborar para os processos de ensino e aprendizagem ao promover no aluno habilidades que o auxiliem na expressão das dificuldades vivenciais neste contexto e nesta etapa de desenvolvimento (Naves *et al.*, 2011). As pesquisas na área sinalizam que alunos com um bom desempenho social têm perspectivas favoráveis para o futuro, pois as HS cooperam para o sucesso no rendimento escolar, nas relações pessoais e, até mesmo, na generalização de tais comportamentos para outros espaços de atuação da criança e/ou adolescente (Cia & Barham, 2009).

Outro importante aspecto analisado no estudo refere-se à necessidade de mais programas que avaliem os efeitos do THS em crianças, pais e/ou professores diante da saúde mental destes. Ainda que pesquisas estejam sendo realizadas, o campo científico de investigação das habilidades sociais carece de estudos teóricos e aplicados.

Referências

- Bolsoni-Silva, A. T. & Carrara, K. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), 16(2), 330-350.
- Bolsoni-Silva, A. T. *et al.* (2006a). Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras. *Psicol. Reflex. Crit.*, 19(3), 460-469.
- Bolsoni-Silva, A. T. *et al.* (2006b). Habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In. M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.). *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento*

- interpessoal*. (pp.1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bolsoni-Silva, A. T; Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T; Silveira, F. & Ribeiro, D. C. (2008). Avaliação dos efeitos de uma intervenção com mães/cuidadoras: contribuições do treinamento em habilidades sociais. *Contextos Clínicos*, 1(1), 19-27.
- Brasil, (1998). Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. *Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2008). Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Saúde do adolescente: competências e habilidades. *Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Brasil. (2015). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Ministério da Educação*. Brasília: MEC.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo: Ed. Santos.
- Castro. R. E. F.; Melo. M. H. S. & Silveira. F.M. O Julgamento de Pares de Crianças com Dificuldades Interativas após um Modelo Ampliado de Intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica* (Porto Alegre), 16(2), 309-318.
- Cia, F. & Barham, E. J. (2009). Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. *Estud. Psicol.*, 26, 45-55.
- Corrêa, C. I. M. (2008). *Habilidades sociais e educação: programa de intervenção para professores de uma escola pública*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista, Marília, BR.
- Del Prette, Z, A. P. & Del Prette, A. *Habilidades sociais: programas efetivos em grupo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011.
- Del Prette, Z, A. P. & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais. *Temas psic.[online]*, 6(3), 217-229.
- Del Prette, Z, A. P., Paiva, M. L.M. F. & Del Prette, A. (2005). Contribuições do referencial das habilidades sociais para uma abordagem sistêmica na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. *Interações*, 10(20), 57-72.
- Gonçalves, E.S. & Murta, S.G. (2008). Avaliação dos Efeitos de uma Modalidade de Treinamento de Habilidades Sociais para Crianças. *Psicol. Reflex. Crit.*, 21(3), 430-436.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. *Psicol. Reflex. Crit.*, 18(2), 283-291.
- Naves, R. M. et al. (2011). Treinamento de Habilidades Sociais em Grupo: Uma Intervenção com Tarefas Lúdicas. *Psicol. Pesq.*, 5, 39-50.
- Okano, C. B. et al. (2004). Crianças com dificuldades escolares atendidas em programa de suporte psicopedagógico na escola: avaliação do autoconceito. *Psicol. Reflex. Crit.* 17, 121-128.
- Silva, M.P. & Murta, S. G. (2009). Treinamento de Habilidades Sociais para Adolescentes: uma experiência no programa de atenção integral à família (PAIF). *Psicol. Reflex. Crit.*, 22, 136-143.

Recebido em 28/06/2017
Versão final em 16/10/2017
Aceito em 16/10/2017